

O PACAJA

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

L. M. Brito

ANNO I.

DOMINGO 1.º DE JUNHO DE 1862.

N. 4

O PACAJA.

Litteratura.



LITTERATURA é o povo, diz Victor Hugo. Ella é a expressão mais legitima da sociedade, o reflexo fiel de um adiantamento moral.

Como fonte da civilisação ella occupa na historia dos povos cultos o mais brilhante logar.

Pelo esplendor em que ella se ostenta, ou pelo seu atrazo a civilisação de qualquer povo se nos patenteia com a mais segura exactidão.

Alitteratura é, pois, pode-se dizer, a alma, a essencia de qualquer nação. Sem ella não ha progresso, não medra a civilisação.

Portugal, esse gigante de outr'ora, quando empunhava o sceptro da primazia entre as de mais nações, quando era o rei das conquistas, era tambem o gigante da intelligencia, o berço famoso das letras. E embora o fizesse vergar e decahir a mão do Omnipotente, arrebatando-lhe o sceptro de dominador, elle contudo conservou-se grande e respeitado, marcha ainda á frente das nações mais illustradas do mundo.

E que a influencia de uma nação não está só na abundancia de seus recursos materiaes, está sobre tudo no seu adiantamento moral, no esplendor a que tem chegado a sua litteratura. E Portugal, que a todas as partes do mundo levava a semente da civilisação, era grande na sua decadencia, e o será em quanto existir, porque continua e contém em si o germen da civilisação, porque a sua litteratura sempre

se ostentou brilhante, mesmo nos dias de sua maior penuria.

Nos que herdamos de Portugal as glórias e as tendencias que vivemos em um solo abençoado de Deos, sob a influencia dos tropicos, marchamos pela senda do progresso a par das primeiras nações do mundo. Deos em seus altos designios fadounos para grandes couzas; deu-nos o mais rico solo do mundo, na intelligencia de todos os brasileiros soprou a sentella do génio que nos impelle para o progresso.

A nossa litteratura desenvolve-se progressivamente e attrahe a si a mocidade que desponta robusta inspirando-lhe as mais soberbas ideas.

Obreiros do futuro todos se congregão no templo das letras para illustrar o paiz, e eleva-lo ao ponto de esplendor e magestade que lhe tem mareado a Providencia.

Não os amedrontão o riso incredulo e moedor da estupidez, nem a indiferença estulta de torpes materialistas, e n'um so brado repetem todos: --Avante! Avante! que a litteratura é o principal motor do progresso e da civilisação: é a alma, é a vida de qualquer nação.

PHILOSOPHIA.

O homem creado para o ser infinito, não tarda a sentir o vaeu dos objectos, para cuja possessão tanto trabalha. Então se agita, atormenta-se para supprir á immensidade com o numero. Dos objectos que hontem amontoava com o mais vivo ardor, passa á procurar outros nos quaes á manhã e talvez hoje mesmo experimentará o mesmo desgosto. Os examina, e torna á examinar em todos os sentidos. Os toma, os deixa, e os torna a tomar para os deixar. Inutil trabalho, que can, a rapidamente a

sua intelligencia, coração, e tambem o seo phisico que esperava satisfazer totalmente. Vemos perceber infelizmente jovens, que davão bellas esperanças no começo de sua vida. Era na idade de suas primeiras meditações, em que o olho da intelligencia se abre com tantas delicias aos raios da eterna verdade. A existencia de Deos, a immortalidade da alma, a providencia divina, a distincção do bem e do mal, a pena do vicio, as recompensas da virtude, a divindade da Religião. . . . que questões de um interesse sempre novo para as almas! Com que infatigavel ardor as tratamos durante o dia, e algumas vezes no tempo destinado ao repouso! Quando uma difficuldade se apresentava, nos erão precisas longas e penosas investigações para achar a sua solução.

Que de dias sem sócego, e de noites sem dormir, durante estas primeiras luctas da intelligencia não exercitada contra as difficuldades da sciencia!

Nossa cabeça agitada buscava em vão o repouso sobre o leito a rasador.

Nos necessitava mesmo derramar lagrimas bem amar as penas da fraqueza do espirito humano. Mas desde que uma illuminação interior no momento que menos esperavamos, dissipava com sua viva luz a nuvem que perturbava nossa vista, como nos sentiamos amplamente resarcidos de todas as penas, que tinhamos experimentado! e com que alegre enthusiasmo viamos do novo o sol da verdade brilhar com todo o seo clarão aos olhos de nossa alma!

Para aquelles de quem acabo de fallar, oh desgraça! nenhum enthusiasmo, nenhuma reflexão, nenhum pensamento se assim se pode exprimir. As palavras ás mais energicas fôrão á cada instante os seus ouvidos sem que ficasse coisa alguma no fundo de seo coração. Porém ligeiros phantasmas, extravagantes sonhos zombaram de tempos em tempos no seo pensamento. O selo da divindade primitivamente gravado sobre o seo rosto, tinha-se apagado. Sua fronte calva e enrugada prematuramente tinha perdido sua nobre magestade.

Seo olhar quasi extinto prendia-se á terra com uma tristeza estúpida. Seo corpo,

outrora forte, tinha-se enfraquecido sob o trabalho de uma interior dissolução. O resto da vida que existia n'elles se extinguiu logo, e dormirão no sepulchro sem esperanza de uma dilosa resurreição, sem lançar mesmo um olhar para esse bello ceo, que devia ser sua patria.

Não devemos crer que seja isto uma imagem fóra de toda a verdade ou consideravelmente exagerada. Nós a teriamos antes enfraquecido, que tratada com rigor, porque ha cousas, que repugnão de tal maneira á natureza, que nos apressamos á lançar sobre ellas o véo do pudor para não mostra-las em toda a sua frieza. Não devemos crer que isto seja uma excepção extremamente rara, da quella não se deve ler alguma conta. A depravacção do sensualismo he algumas vezes tão geral, que se tem visto estender á regiões inteiras.

A Natureza.

Por Roosmalen.

Montes paternaes, cujos cimos se colorão de purpura, campos animados e verdejantes, e vós, arvoros, em cujos ramos se embalão harmoniosos choros, eu vos saúdo! O prado estende diante de mim seu vasto tapete malizado, por entre sua encantadora verdura sorpeia o alalho agreste; ao redor de mim zumbo a abelha industriosa; a borboleta adeja de flôr em flôr; os ventos estão calmos, e sómente o canto dos passáros perturba o repouso dos aros. Caminho e uma ligeira obscuridade me rodeia; uma frescura embalsamada, que circula debaixo destas frescas sombras, vem animar meus sentidos; arbustos copados e arvores numerosas encobrem do repente o aspecto da paisagem. Um caminho estreito e tortuoso dá-me passagem para o cimo do monte. Então a floresta parece entreabrir-se, e a luz do dia fere a minha vista. Um espaço immensuravel se estende ao longe a meus olhares admirados; uma linha de montes azulados termina o horizonte vaporoso; acima de mim vejo um ether infinito, abaixo uma profundidade ilimitada. Se minha vista se

levanta a vertigem me perturba, se se abaixa, o terrôr me surprende. Mas entre estas alturas eternas e esta eterna profundidade um novo atalho, protegido por uma balastrada rustica, dá ao viajante uma segura passagem. Essas bellas praias se debuxão aos poucos em seus contornos a meus olhos; as riquezas da região attenção a actividade do lavrador; n'aquelle rio, cujas aguas fertilisão a campina; se deslizaão ligeiras barcas; uma mesma visthança reúne os campos aos lavradores, cujas cabanas de colmo lhes offerêem uma eterna paz e felicidade.

O' santa natureza, sempre a mesma tu guardas em tuas mãos fiéis o que o homem, o menino que brinca, e o adolescente esperão de ti! Debaiço deste mesmo céu, sobre estas mesmas relvas, perpassão, cada uma por sua vez as goraçõs passadas, presentes e futuras, e o teu sol, que brilhava para nossos avós tem o mesmo brilho para nós.

Trad. de *Gustavo N. Pires.*

Desterro, 15 de Maio de 1862.

POESIA.

O AMANTE SUICIDA.

Ao meu amigo

ELISEO G. DA SILVA.

E' noite, Amplo silencio envolve a terra
Em suas negras azas lacilurnas.
Pelos plainos do céu campea a lua
Mageslosa e serena derramando
Seu clarão argentino sobre a terra—
—Alvo lençol que a cobre em seu dormir,
E' noite; o somno prende em seu rogaço
A natureza emmudecida e calma.
—Reina o silencio, a terra jaz deserta,

Nest' hora de pavor, á luz da tua,
Em ampla solidão, incanta, é bello
Orecordar flo passado que desperta
No coração a saudade, e nos mergulha
Em sombras de tristeza, então nossa alma

C'o a solidão e o ermo se combina,
E um goso indefinivel, um doce encanto
Um perfume saudavel nos transporta
A um espaço, infinito, onde não chegão
Nem pezares, nem dor.

Que voz sentida

Vem o a longo quebrando este silencio?
Talvez perdido amante que lamenta
Alquebrado de dor, negros perjuros
De inconstante mulher; a quem amara,
Catou-se a voz, um vulto ao longo assoma
Compasso frouxo, e os olhos no horizonte.
Quem será o mortal que a laes des horas
Vaga acordado entre o silencio eo somno
Que envolvem a terra, neste ermo imenso!
Por certo algum feroz projecto o move,
Feroz projecto, que na mente rola-lhe
Como no espaço o trovão medonho.
Ei-lo, lá sobe aspero rechedo
De imensa altura, um abismo horrivel
Junto delle se abre, descuidoso
O mancebo se senta á sua borda
E fixando na lua os olhos torvos
Deixa ouvir estas fallas desesperadas
Adões, mundo cruel de mil enganos,
Inferno da innocencia e da pureza!
Assoz soffri teus damnos; teus espinhos
E na taça de teus males horribeis
Um inferno sorvi! -- o desespero:
A deos, tu, ó mulher que envenenaste
As crencas tão sagrados de minha alma;
Tu monstro, fallaz que derramaste
No paraizo que Deos ao homem dera
Os tormentos do inferno! eu cri-te pura
E corri como um louco, todo em chamas
Ao regaço de amor que de teus olhos
O brilho enganador erer me fizerao
Um ceode mil venturas! mas oh! perfida!
Tu mesmo me arrancaste desse encanto
Perjurando e mentindo aos votos feitos!
Alma vil e nefanda eu te desprezo.
Vai-te, monstro horroroso, eu te abomino!

Já nada mais me rosta sobre a terra
Quero pôs descancar! adões, ó mundo!
Disse, e louco e feror e desesperado
Dô negro abysmo escorregou ao fundo.
Juvila D. S.

Typographia Catharlnches

de Germano Antonio Maria Avelim. Rua Augusta
N. 23. — 1862.



LAGRIMAS NO-TUMULO

DE
JUSTINO MARQUES GUIMARAES.

Essa affeição que te saçcara infinda
Inteira ainda continua aqui!

Eugenio Arnaldo.

Eil-o coitado inotimado e livido nas caliginosas trevas da morte!

Eil-o frio como a terra sepulchral, immerso no somno eterno !...

Oh! quam breve e esta vida, como se passa como um sonho !... tudo se vai fugaz e imperceptivel como o aroma das flores !.

Encantos, mocidade, amores tudo desaparece ante o o a ujo da morte, ante a vontade de Deus !.

Ainda hontem eras a flor que mal tinha aberto o purpureo calix de esperancosa aurora... hoje, palido e feio debruças-te na final jazida.

Hontem tão cheio de vida, tão presenteiro olhavas com todo fogo para os falsos prazeres desta vida, vacuo infindo de illusões que nos fascinao, e hoje qual flor pendida do seu hastil myrrada pelo sol da vida !.

Hontem ainda te vi cheio de vigor e de mocidade colhendo uma a uma as flores da primavera e entre os sorrisos juvenis, marchavas na senda da intelligencia para o futuro que lobrigavas ao longe.

E hoje nas trevas do sepulchro á sombra do eypreste dormes tranquillo o somno eterno!

Ah! antes assim nessa idade angelica... antes assim do que mais tarde tu alma fosse contaminada pela friaria da vida e vergasse ao peso de maiores dores, porque sempre serão compridas as sagradas palavras, do Deus que colheu-te a sua santa mansão: *Pulvis es et in pulverem reverteres!*

O amigo que te acompanhava em letus devancios de estudante, nos descuidos juvenis, ante este golpe fatal e inesperado confundido-se no abysmo de uma dor horrivel, e só pode diser na abundancia do suas lagrimas: -- Anjo de bondade e pureza, Deus te tinha reservado o seu reino, e antes que contaminasses tuas candidas azas elle chamou te para fruires a bemaventurança.

Do alto desse throno em que te achas, volve tens olhos a terra e roga ao senhor que nos alente com sua graça nas tribulações desta vida transitoria...

Desterro 28 de Maio de 1862.

Juvita D. S.